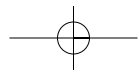


Introdução

Vivemos num mundo que foi construído por muitas figuras históricas famosas, já para não mencionar o contributo de milhares de indivíduos que permaneceram anónimos ao longo de gerações. Winston Churchill é, sem sombra de dúvidas, uma das «grandes figuras» da História. Os inúmeros soldados comuns da Segunda Guerra Mundial — hoje em dia justamente considerados como «a grande geração»* — também desempenharam um papel essencial, homens como o tio da minha mulher, que se chamava Lacey e que passou o dia do casamento da irmã, em 1944, a atravessar o Canal da Mancha, a milhares de quilómetros de distância da alegre cerimónia, então a ser celebrada no estado norte-americano da Virgínia, para desembarcar e combater nas praias da Normandia. Winston Churchill e Lacey Foster Paulette Jr. fizeram, cada um à sua maneira, a história do nosso tempo.

Ao intitular este livro *A Loucura de Churchill* não estou necessariamente a tomar nenhum partido, quer se trate de apoiar os que atribuem tudo o que acontece às decisões e caprichos de um número reduzido de figuras notáveis (o que os nossos antepassados do século XIX chamavam a «Teoria da História dos Grandes Homens») ou de apoiar os marxistas e outros afins que atribuem de uma forma igualmente fervorosa o curso da história a forças impessoais e a factores económicos inevitáveis. O que tentei fazer neste livro foi demonstrar que o nosso destino é geralmente uma mistura desses dois elementos: a interacção de uma figura como Winston Churchill, um dos homens mais dinâmicos e influentes dos

* *The Greatest Generation*, termo que se popularizou com a obra de Tom Brokaw com esse título, publicada em 1998, e que se refere essencialmente à geração de homens e mulheres norte-americanos nascida entre 1911 e 1924 que combateu na Segunda Guerra Mundial. (N. T.)



últimos séculos, com as forças do nacionalismo árabe, que são a expressão do desejo que todos os povos oprimidos têm de se libertar da tirania. A minha esperança é que a análise da interação entre pessoas excepcionais e o fluxo de forças impessoais, que resultou na reorganização da paisagem do Médio Oriente em 1922, irá contribuir para compreendermos melhor o mundo em que vivemos hoje.

Considere-se apenas os dois conflitos militares em que os britânicos, americanos e tropas de outros países participaram no passado recente: a guerra do Kosovo e a do Iraque. Estas guerras resultaram das decisões tomadas pelos governantes, tal como sucedeu com Winston Churchill, Woodrow Wilson e outros estadistas durante o período de 1917 a 1922.

Olhemos para o mapa de África. Quantas linhas rectas aí encontramos? A resposta é que *muitas* das fronteiras que separam os vários países são linhas rectas. Mas quantas linhas rectas descobrimos num mapa da Europa? Nem de longe tantas como em África. Um grande número de fronteiras do continente africano foi criado pelos conquistadores europeus no século XIX, durante a era da expansão colonial; a única preocupação dos burocratas que as desenharam era geralmente a de decidir qual a parcela do território a que cada um dos impérios rivais teria direito.

Mas as populações não vivem segundo linhas rectas desenhadas à régua. As fronteiras étnicas são coisas muito complexas, como os negociadores do Tratado de paz de Versalhes rapidamente descobriram. É pior ainda, alguns grupos étnicos vivem em enclaves isolados, rodeados por outros grupos que os odeiam. Como sabemos, isto seria uma das principais causas da Segunda Guerra Mundial, pois Hitler utilizou como desculpa para começar as suas campanhas militares o facto de existirem grupos germânicos minoritários a viver dispersos em zonas da Europa Central e Oriental.

Os problemas étnicos que os negociadores do tratado de paz não conseguiram resolver após o fim da Primeira Guerra Mundial não terminaram com a vitória dos Aliados na Segunda Guerra. Ainda vivemos, no século XXI, num mundo criado no princípio do século XX por Wilson, Lloyd George, Clemenceau e Orlando, entre outros.

Se olharmos para um mapa da Europa, por hipótese, em 1909, o ano em que o poderoso Império Austro-Húngaro anexou formalmente a Bósnia, e a seguir para uma mapa da mesma região, por exemplo, em 1923, descobriremos um país que literalmente não existia antes — a Jugoslávia, a terra dos eslavos do Sul. A isto de que estamos a falar, alguns sociólogos chamam *comunidades imaginadas* ou nações artificialmente criadas que *no seu actual formato* não possuem nenhuma história —

uma característica muito importante. Isto significa que muitas regiões antigas, ricas em história, não existiam antes de 1919 nem tinham o nome que vemos nos mapas actuais. Eram simplesmente províncias do Império Otomano, governadas a partir de Constantinopla.

É claro que os próprios impérios são artificiais, quer sejam o resultado das conquistas de uma nação ou da valentia em batalha de um guerreiro em particular. O Império Otomano, que incluía tanto a actual Sérvia como o actual Iraque, era precisamente isso: uma acumulação de territórios, que se estendia desde a fronteira húngara na Europa até à costa atlântica de Marrocos, conquistados ao longo de séculos por uma poderosa dinastia e seus generais.

Até 1912, tanto o Kosovo como o Iraque, hoje em dia países muito distintos e geograficamente distantes, eram uma parte integral do império dos turcos otomanos que, sendo originalmente, no século XIV, um grupo de muçulmanos turcos relativamente insignificante, começou a criar um império na Europa, Ásia e Norte de África que duraria até 1918 e, enquanto entidade legal, até 1922.

Em 1918, a seguir à decisão fatal que os otomanos tomaram de se aliar aos alemães contra a França e a Grã-Bretanha na Primeira Guerra Mundial, o seu império, outrora tão grandioso, foi derrotado e completamente destruído. No mesmo ano, assistiu-se ao colapso de impérios numa escala previamente inimaginável, com a queda, também, dos impérios Austro-Húngaro, Russo e Alemão. O fim dos impérios é geralmente o resultado de grandes movimentos de flutuação económica e de paixões ideológicas — no caso dos impérios que caíram em 1918, assistiu-se a uma onda de nacionalismo e ao correspondente desejo dos povos até então dominados de se autogovernarem.

«As forças impessoais» — a guerra, o nacionalismo, as economias em declínio — parecem ser determinantes, e os desejos de cada indivíduo não têm hipóteses contra o poder da inevitabilidade. Mas a história não termina aqui. O factor importante é que os governantes podem fazer *escolhas* e, como defendo neste livro, as respostas que adoptam, geralmente com um fundo bastante humano, têm um impacto determinante no curso da história. Foi isso exactamente o que sucedeu quando foi necessário tomar as decisões fulcrais sobre o destino a dar ao que restava do colapso do secular Império Otomano e, em particular, à região a que hoje chamamos Iraque.

Noutro livro que escrevi, *Why the Nations Rage: Killing in the Name of God (Porque É Que as Nações se Enfurecem: Matar em Nome de Deus)*, mostro como as escolhas que Woodrow Wilson fez ao dividir a

parte europeia dos antigos territórios otomanos, entre ele o Kosovo, desencadearam uma sequência de eventos que acabaram por conduzir à guerra nessa região em 1999.

Este livro analisa algumas das outras escolhas que tiveram de ser feitas: em particular, o destino a dar à região da Ásia onde se falava árabe, antes parte do antigo império. As decisões tomadas por Winston Churchill, inicialmente ministro de Guerra e depois ministro das Colónias britânico, incluíram a criação de um país completamente novo, o Iraque; e as suas acções tiveram repercussões que levaram, em 2003, à guerra em que participaram as tropas britânicas e americanas.

No começo do século XXI, vivemos num mundo que ainda não lidou completamente com as consequências da queda em 1917 e 1918 desses impérios outrora poderosos. As guerras durante os anos 90 do século XX por causa da Bósnia, Sérvia e Kosovo e a Guerra do Golfo em 1991, o conflito do Iraque em 2003, a interminável disputa israelo-palestina e até os sonhos dementes de Osama bin Laden e os horrores do 11 de Setembro de 2001, têm *todos* a sua origem directa no lento declínio do Império Otomano turco. Esse declínio estendeu-se desde o ano do ataque triunfante de Napoleão ao Egipto em 1798, até à derrota dos turcos em 1918 e à abolição formal do Império Otomano em 1922.

No que diz respeito às decisões cruciais a tomar sobre o futuro dos territórios asiáticos dos otomanos, poucos tiveram um papel tão determinante como Winston Churchill. O estadista britânico começou por ser a favor de uma solução e depois optou por uma outra diferente, mas quando perdeu o seu cargo em 1922, criou já um mapa do Médio Oriente que, com umas pequenas alterações aqui e ali, durou até aos dias de hoje.

O Iraque — ou a Mesopotâmia, como era originalmente conhecido durante o período em que Churchill esteve no Governo — era um Estado totalmente novo, criado pela mão desse grande homem. Ao contrário de outras nações artificiais que surgiram nesse período, como a antiga Jugoslávia, actualmente fragmentada em vários países, após uma série de guerras civis sangrentas, o Iraque, apesar das suas fronteiras artificiais, ainda existe. Mas da mesma forma que a morte do homem forte da Jugoslávia, o marechal Tito, levou à violenta desintegração do seu país e ao banho de sangue que ocorreu nos anos 90 do século XX, também o Iraque poderá cair no caos, à medida que as três culturas muito diferentes que o compõem tentam coexistir sem a coesão que a tirania lhes impunha e que as mantinha unidas. Alguns países com diversidade étnica, como a Suíça, por exemplo, conseguiram manter a sua coesão durante sé-

culos. Podemos apenas desejar que seja esse o destino dos Iraquianos, agora que são livres. Se acontecer o contrário, podemos apenas lamentar-nos que uma nação tão improvável e contendo povos tão diversos tenha existido devido à loucura de Churchill.

Queria deixar ainda uma palavra final sobre os arquivos em que este livro se baseia. Refiro-me aos *Chartwell Papers*, guardados no centro de arquivos do Churchill College, em Cambridge. Desde que a biografia oficial de Churchill foi concluída, há alguns anos, este arquivo revelou-se um tesouro inesperado para os historiadores, uma vez que Churchill guardava praticamente tudo, até mesmo recibos de restaurantes e bilhetes de comboio.

Antes de mim, é claro que houve outros historiadores que pesquisaram os *Chartwell Papers*, sendo de destacar, entre eles, o próprio Sir Martin Gilbert, o biógrafo oficial de Churchill. Mas penso que *A Loucura de Churchill* é o primeiro livro a centrar-se nos documentos que dizem especificamente respeito à criação do Iraque e a reproduzir muitos deles nas suas páginas.

A biografia oficial de uma figura da estatura de Churchill traz duas desvantagens. Em primeiro lugar, é quase demasiado detalhada, no sentido em que compreende absolutamente tudo sobre Churchill; tratando, no período a que este livro é dedicado, por exemplo, das suas pinturas, assim como da sua actividade política. Em segundo, Sir Martin é deliberadamente narrativo e não analítico. Esta abordagem funciona se quisermos saber precisamente o que fez Churchill num dia específico da sua vida, mas não existe uma avaliação, uma análise crítica para determinar se, por exemplo, uma decisão foi boa ou não. Para os que estão interessados apenas num história à maneira antiga, este estilo funciona; mas nos dias de hoje, espera-se seguramente que os historiadores examinem os seus temas de um forma mais inquisitiva.

Naturalmente, muitos historiadores investigaram o papel de Churchill em relação à Palestina e escreveram livros excelentes, entre os quais se incluem as obras de David Fromkin e de Efraim e Inari Karsh. Mas penso que nos oferecem uma imagem um pouco incompleta; o objectivo do presente livro é incluir o que outros autores deixaram de fora ou mencionaram apenas de passagem. E além disso, olho para os acontecimentos da época especificamente através da perspectiva do próprio Churchill. Embora Churchill seja central para os autores que acabei de mencionar, eles dedicam uma igual atenção a muitas outras figuras-chave, enquanto, neste relato da criação do Iraque, Churchill é absolutamente central.